

## FILOSOFIA NO BRASIL: LEGADOS E PERSPECTIVAS

DOMINGUES, Ivan. **Filosofia no Brasil: legados e perspectivas**. Ensaios metafilosóficos. São Paulo: Editora Unesp, 2017. 561 p.

Carlos Alexandre Rattón de Freitas\*

O livro *Filosofia no Brasil: legados e perspectivas – Ensaios metafilosóficos* de Ivan Domingues é uma publicação recente da Editora Unesp (agosto de 2017) e já tem prevista sua 2ª edição revista e ampliada para o segundo semestre de 2018.

Trata-se de uma obra técnica, volumosa, densa e erudita que pretende ajudar a preencher a grande lacuna nos estudos a respeito da natureza, do papel e do futuro da filosofia em nosso país. Não se engane o leitor, sua leitura não é introdutória, ao contrário, exige um arcabouço teórico avançado e uma familiaridade com questões relacionadas ao Brasil desde seu passado colonial. Pois Domingues, Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mobiliza o pensamento brasileiro em geral inter-relacionando religião, sociologia, economia, antropologia, geografia, estatística, história, a literatura e sua crítica e, claro, filosofia; recorre a interlocutores variados, nacionais e estrangeiros, clássicos ou não, como Machado de Assis, Marcos Nobre, Piaget, Celso Furtado, Paulo Arantes, Carnap, Cruz Costa, Lévi-Strauss, Lima Vaz, Todorov e outros sem-número; empreende história intelectual na esteira de Jean-François Sirinelli e Jacques Le Goff; percorre desde o período colonial aos dias de hoje; vai ter com aquele que é creditado o primeiro livro de história do Brasil: *História da província de Santa Cruz*, de Pero Magalhães Gândavo, datado de 1576 (“tendo sido o primeiro documento ou registro da famosa Carta de Caminha” (p. 73)); e combina hipóteses principais e auxiliares, núcleos conceituais e linhas argumentativas em ensaios de metafilosofia – um esforço notável e aparentemente sem par na literatura atual sobre o tema, resultado de sete anos de trabalho, como é sabido.

Particularmente, observa-se que Domingues dedica grande esforço à elaboração de uma metodologia sólida no primeiro capítulo (1º Passo) e que não descuida de seu emprego ao longo de toda a pesquisa, uma constante em seu trabalho acadêmico, pode-se afirmar.

---

\* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Linha de Pesquisa Filosofia Contemporânea. E-mail: [carlratton@hotmail.com](mailto:carlratton@hotmail.com).

Assim, por um lado, ele reúne as vias dos métodos *in praesentia* e *in absentia* tomados indiretamente da linguística estrutural e com intentos particulares, para inquirir sobre a presença de propriedades que asseverariam ou não a existência de uma filosofia brasileira, “grosso modo, a existência de autores, de obras, de leitores e de temas brasileiros ou ligados ao Brasil – podendo estar presentes uns e ausentes outros.” (p. 4). Por outro lado, Domingues faz uso do “tipo ideal” elaborado por Max Weber e já aplicado mediante variável em outros livros anteriormente (por exemplo, *Epistemologia das ciências humanas* – tomo 1: *Positivismo e hermenêutica*: Weber e Durkheim, de 2004, e *O trabalho e a técnica*, de 2016). O resultado é a construção de cinco figuras (tipos ideais) que se verá mais abaixo.

Tamanho empreendimento de 561 páginas não deve desencorajar os leitores e estudiosos da tarefa de compreensão do livro. É preciso entender o lugar de onde o próprio Domingues fala para apreender em alguma medida aspectos da obra. Ele é um *scholar* (realizou nos anos oitenta seu doutorado na Université Paris I Panthéon-Sorbonne, sob orientação do filósofo Jean-Toussaint Desanti, é pesquisador do CNPq - Nível 1A, fundou na UFMG o Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares e o Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo) com admiração e preocupação pela cena pública (integrou na juventude o grupo JUPEL – Juventude de Pedro Leopoldo<sup>1</sup>, possui artigos em jornais e em revistas especializadas a respeito do papel do intelectual público, dentre outras coisas), atualmente às voltas com a séria e inadiável questão da “formação” da filosofia no Brasil – que parece ter conduzido ao *mandarinato* do especialista, igualmente à morte do pensamento – e da “pós-formação”. Ao lado desses aspectos biográficos e intelectuais é preciso ter em mente também e, sobretudo, que a densidade e a profundidade do livro justificam-se diante de seu intento, quer dizer, inquirir ambos os legados e as perspectivas da filosofia no Brasil, percorrendo cinco séculos.

Indo à organização do livro, ele se apresenta em seis Passos (mais Prefácio e Referências), a saber: 1º Passo – O argumento metafilosófico da filosofia nacional: formulação do problema e introdução do recorte temporal; 2º Passo – O passado colonial e seus legados: o intelectual orgânico da Igreja; 3º Passo – Independência, Império e República Velha: o intelectual estrangeirado; 4º passo – Os anos 1930-1960 e a instauração do aparato institucional da filosofia: os fundadores, a transplantação do *scholar* e o humanista intelectual público; 5º Passo – Os últimos 50 anos: o sistema de obras filosóficas, os *scholars* brasileiros

---

<sup>1</sup> Ver Ratton; Carneiro; Botton e Lelis (2016).

e os filósofos intelectuais públicos; 6º Passo – Conquista e perspectivas: os novos mandarins e o intelectual cosmopolita globalizado.

O objetivo geral, como atesta Domingues, é colocar lado a lado história intelectual com metafilosofia – filosofia da filosofia brasileira distinguida em períodos mais ou menos longos e segundo as mudanças da prática e da *ratio* filosóficas, e história da intelectualidade filosófica brasileira tendo por foco o *ethos* e as diferentes experiências intelectuais, bem como modelos dos intelectuais filósofos nos diferentes períodos analisados (p. 2-3).

O objetivo traçado, por sua vez, pretende conduzir duas hipóteses principais que se apresentam claramente expostas e interligadas, a do “déficit institucional/cultural” e a do “sistema de obras”, esta segunda em conexão com a distinção entre sistemas literários autorreferenciados e obras episódicas. Dessa forma, Domingues aponta e examina os déficits de diversas naturezas que se espraiam historicamente sob a frente institucional/cultural. Déficits de indivíduos, de população, de nação, de livros, de produção, de atividade, de intelectualidade etc. Com respeito ao sistema de obras, trata-se de um conceito formulado por Antonio Candido com escopo na literatura, reunindo a tríade obra, autor e público. Domingues converte o conceito em hipótese, transpõe devidamente para o domínio da filosofia e indaga pela presença de seus elementos nos períodos investigados.

O ponto alto do livro, é preciso destacar, será então o fornecimento de cinco tipologias de intelectuais, construções lógicas que possuem ao mesmo tempo lastros e exemplos históricos. Seguem:

O “intelectual orgânico da Igreja” ou jesuíta (*Homo scholasticus*) que predominou no Brasil Colônia. O modelo é padre Vieira que reúne os traços distintivos do *ascetismo intramundano*, *ativismo*, *racionalismo*, *salvacionismo* e *dualismo*. Assim, Vieira foi um asceta disciplinado, tendo partido como um cruzado para purificar o mundo, em defesa do nativo e do escravo. Escreveu livros proféticos, nunca se trancou na erudição e se embrenhou no mundo com ações de postulado. Ademais, o padre acreditava nos poderes da razão e na aliança da *scientia* e da piedade. Por outro lado, tinha para si que a fé salva e opera milagres (p. 193).

O “intelectual diletante estrangeirado” proveniente do direito, que predominou no período que se estende do Pós Independência até a República Velha. Se se toma como fio condutor a figura do goliardo da Colônia, o bacharel letrado, podem-se identificar seis características definidoras deste tipo: o *individualismo*, pois tal intelectual se desprende do *esprit de corps* da Companhia de Jesus; o *transoceanismo*, identificado como dualidade de perspectiva mediante a qual vive-se “com a mente na Europa e o coração no Brasil”; o

*bacharelismo*, também conhecido pela superstição da escrita, mais o retoricismo (culto às belas palavras) e o diletantismo (gosto pelo improvisado e pelas ideias gerais); o *bovarismo*, desejo permanente de fuga da realidade e do meio; o *filoneísmo*, ou seja, o gosto excessivo pelas novidades em sua maior parte providas do exterior; e por fim o *dualismo*, “ou a ambivalência de atitudes, que leva ao indiferentismo político, à paralisia pelo temor reverencial ao Centro” (p. 322). O exemplo está em Tobias Barreto, mas também em Joaquim Nabuco, que em sua obra expressa o lema deste tipo de intelectual, a ambiguidade vivida como dilema identitário.

O “*scholar*” ou especialista advindo da Missão Francesa que fundou a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP. Vale observar que a palavra “*scholar*” não é senão a tradução inglesa do latim *Eruditus*, que significa culto, letrado ou civilizado, por oposição a rude, iletrado e primitivo.” O *scholar* representa bem a fusão do erudito das humanidades, o virtuoso das *belles lettres* francesas com o *expert* americanizado originário das ciências duras. Mais do que por um nome específico, este intelectual está representado por uma verdadeira classe produzida conjuntamente pelo Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) da CAPES e pelo CNPq.

O “filósofo intelectual público”, figura mais rara, tendo como modelo o intelectual republicano francês saído do conhecido *affaire* Dreyfus protagonizado pelo escritor Émile Zola em seu artigo *J'accuse* (Eu acuso), publicado no jornal *L'Aurore* em 1898. A França é o berço dessa intelectualidade, mas para ater-se a um único exemplo contundente, basta a lembrança de Sartre. Já no Brasil, as áreas das ciências humanas e sociais como sociologia, política, história e outras mais germinaram seu intelectual público mais cedo que a filosofia, esta somente a partir dos anos sessenta. As figuras emblemáticas da intelectualidade pública são Lima Vaz, José Arthur Giannotti e Marilena Chauí, cujo *ethos* é composto pelo engajamento em causas sociais e ações coletivas, a aceitação da primazia do interesse público sobre o particular, a busca da perspectiva universal em seus atos e postulações, a crítica permanente, dentre outras coisas (p. 420).

Por último, o “intelectual cosmopolita globalizado” com o qual se poderia conceber o ideal da experiência intelectual, próximo do sábio antigo e do polímata (conhecedor e detentor de várias *technès* e saberes). Trata-se de um modelo ainda por vingar no Brasil em filosofia – não em literatura, observe-se, visto que Machado de Assis é exemplo incisivo de universalidade, ao mesmo tempo em que cultiva a regionalidade – e, portanto, representa uma sondagem para o futuro. Kant, Rawls, Habermas, Foucault, Amartya Sen e Michael Sandel

são expressões desse modelo. Por comparação ao intelectual público, o intelectual cosmopolita globalizado não carrega “sua agenda com a missão e a agenda política, aprisionado ao contexto nacional e local”, ao contrário, opta por “temas da cultura e desafios da atualidade”. Seus traços distintivos são o *ascetismo intramundano*, “no qual todo intelectual ao trocar o hedonismo dos sentidos pela ascese do intelecto ou seus ‘produtos’ pelos pensamentos e pelas ideias, tem o mundo como campo de ação”, o *criticismo*, “tendo como agulhão o sentimento de desconforto provocado por [...] inconformismo”, a *renúncia ao pessoal* e a *eleição da esfera da cultura* “como campo de atuação e de embate do intelectual, tendo por âmbito virtualmente todo o planeta” (p. 548).

Dado que o paradigma da formação em filosofia no Brasil parece ter chegado ao fim, ou seja, se esgotou, e o que vingou em grande medida foi o chamado taylorismo acadêmico, a pergunta deixada em aberto por Domingues, então, é pela possibilidade de um novo paradigma, justamente o da pós-formação, “apoiado nas conquistas e, movendo-se no espaço virtual do futuro e das possibilidades” (p. 546) – essa trilha levará ao filósofo cosmopolita globalizado.

## REFERÊNCIAS

COSTEKI, Evanildo. Ivan Domingues. **Entrevistas ANPOF – Entrevista com o Prof. Dr. Ivan Domingues**. Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/2014-01-07-15-22-21/entrevistas/1578-entrevista-com-o-prof-dr-ivan-domingues> Acesso em: 20 abr. 2018.

DOMINGUES, Ivan. **Filosofia no Brasil: legados e perspectivas – Ensaio metafilosófico**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

DOMINGUES, Ivan. **Coluna ANPOF – Filosofia no Brasil: ensaios metafilosófico (02/09/2017)**. Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/1272-filosofia-no-brasil-ensaios-metafilosoficos>. Acesso em: 20 abr. 2018.

RATTON, Carlos; CARNEIRO David E.; BOTTON João; LELIS Leandro. Filosofia como resistência: entrevista com Ivan Domingues, **Outramargem: revista de filosofia**. Belo Horizonte, n. 5, 2º sem. 2016.